

DOSSIÊ

TELEJORNALISMO NA ERA DIGITAL:

aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel

Copyright © 2012
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

ELAIDE MARTINS
Universidade Federal do Ceará

RESUMO - O presente artigo propõe uma reflexão sobre o jornalismo audiovisual a partir da perspectiva da narrativa transmídia (NT), termo cunhado por Henry Jenkins (2009a) em suas pesquisas sobre a cultura da convergência. Como a convergência midiática vem afetando a linguagem e a estética do jornalismo audiovisual? E a rotina e perfil de seus profissionais? E a relação com a audiência? Quais os novos paradigmas e o que mudou em seus processos produtivos com o uso das novas mídias? A fim de refletir sobre essas outras questões, procuramos identificar e analisar aspectos da narrativa transmídia na TV Folha, um programa audiovisual inspirado no impresso, que nasceu como um canal privado na web e hoje é exibido por uma emissora pública; um produto que nos leva a crer que a narrativa transmídia começa a firmar o seu espaço no jornalismo audiovisual brasileiro a partir da relação deste com as novas plataformas de informação.

Palavras-chave: Jornalismo. Telejornalismo. Convergência. Narrativa transmídia.

TELEPERIODISMO EN LA ERA DIGITAL: aspectos de la narrativa transmedia en la televisión de papel

RESUMEN - El presente artículo propone una reflexión sobre el periodismo audiovisual a partir de la perspectiva de la narrativa transmedia (NT), término acuñado por Henry Jenkins (2009a) en sus investigaciones sobre la cultura de la convergencia. ¿Cómo está afectando la convergencia mediática al lenguaje y a la estética del periodismo audiovisual? ¿Y a la rutina y al perfil de sus profesionales? ¿Y a la relación con su audiencia? ¿Cuáles son los nuevos paradigmas y qué ha cambiado en sus procesos productivos con el uso de nuevos canales y soportes audiovisuales? Con el objetivo de reflexionar sobre estas y otras cuestiones, identificamos y analizamos aspectos de la NT en TV Folha, un programa audiovisual inspirado en el impreso, que nació como un canal privado en la Red y que hoy se presenta en una cadena pública. Se trata, pues, de un producto que nos lleva a pensar que la NT empieza a consolidarse en el periodismo audiovisual brasileño a partir de su relación con las nuevas plataformas de información.

Palabras clave: Periodismo. Teleperiodismo. Convergencia. Narrativa transmedia

TV JOURNALISM IN THE DIGITAL AGE: aspects of transmedia storytelling on paper television

ABSTRACT - This paper proposes a reflection on audiovisual journalism from the perspective of transmedia storytelling (NT), a term coined by Henry Jenkins (2009a) in his research on the culture of convergence. How has media convergence affected the language and aesthetics of audiovisual journalism? And what of the routine and profile of its professionals? Or the relationship with the audience? What are the new paradigms and what has changed in their production processes as regards the use of new media? To reflect on these and other issues, it is necessary to identify and analyze aspects of transmedia storytelling on TV Folha, an audiovisual program inspired by printing, which began as a private channel on the web and is today shown by a public broadcaster. It is a product which seems to indicate that transmedia storytelling is beginning to establish a firm place in Brazilian audiovisual journalism based on its relationship with new information platforms.

Keywords: Journalism. Broadcast journalism. Convergence. Transmedia storytelling.

Introdução

Desde quando foi oficialmente implantada no Brasil, em setembro de 1950, a televisão vem experimentando novas linguagens, formatos, modelos e narrativas. A história mostra que certas inovações tecnológicas marcaram sua trajetória, como o uso do videoteipe, do satélite, da cor, da transmissão via cabo e, mais recentemente, via internet.

A polarização da televisão, que no início restringia-se à TV pública e privada, foi ampliada para aberta e fechada, analógica e digital, online e a dita tradicional. A programação, já segmentada com a TV por assinatura (fechada), torna-se ainda mais especializada com as ciberTVs – uma modalidade da TV online cujo canal é produzido e exibido exclusivamente pela internet (AMARAL, 2007) e que se constitui um dos produtos da cultura da convergência. E nesse novo momento histórico, a audiência assume um papel fundamental, alterando-se as relações e os processos produtivos.

Desse modo, as tecnologias digitais transformaram o modo de ver e de fazer televisão, possibilitando assisti-la nos mais variados suportes: da internet ao celular, do som do carro ao GPS, os quais podem ser classificados, conforme diria o canadense Marshall McLuhan, como “extensões de nós mesmos”. A televisão, agora, acompanha o telespectador que, por sua vez, já pode colaborar, comentar, opinar e compartilhar mensagens devido à interatividade horizontal proporcionada pela internet.

Essa participação ativa da audiência é a principal transformação do momento. Por isso, mais do que representar o resultado de uma significativa evolução tecnológica que vem sendo construída ao longo dos anos, a chamada “era digital” altera profundamente as relações sociais e o fazer jornalístico, descortinando novas linguagens, modelos e narrativas. E nesse contexto, a narrativa transmídia (NT) amplia as possibilidades do jornalismo audiovisual, permitindo que o público participe, inclusive, da produção de determinadas notícias a partir de sua relação com as novas plataformas de informação. Mas a narrativa transmídia já se faz presente no telejornalismo brasileiro?

A fim de responder a essa questão, realizamos um estudo de caso do programa dominical TV Folha, selecionando as edições do segundo domingo dos meses de março a julho de 2012, além de fazer um levantamento geral de todas as reportagens exibidas desde a sua estreia, em 11/03/12, até o dia 30 de setembro. Porém, antes

de adentrar nessa análise, procuramos conhecer melhor as pesquisas sobre a NT no país, o que abordaremos a seguir.

Um pouco sobre as abordagens da narrativatransmídia no Brasil

A narrativa transmídia (transmedia storytelling) nasceu como resultado do desenvolvimento da cultura da convergência e refere-se a um modelo que surgiu em resposta à convergência de mídias, captando as exigências dos consumidores e dependendo da participação ativa das comunidades de conhecimento (JENKINS, 2009a). Assim, a NT é o que este autor chama de “a arte da criação de um universo”. No caso, um universo interconectado em diferentes canais de comunicação, cujo sentido só é plenamente compreendido quando o conteúdo é experimentado no todo, visto por todos os ângulos.

Jenkins (2009a) explica que o cenário transmidiático estabelece-se quando uma narrativa passa de uma mídia para outra, sendo construída de forma independente e quando permite que o público compreenda-a, seja em que mídia for. Por isso, a transmídia estaria na relação entre as histórias, ligadas por um mesmo enredo, mas narradas e transmitidas por meios independentes. A nosso ver, um cenário que já pode ser identificado no telejornalismo brasileiro.

Quanto às primeiras pesquisas sobre narrativa transmídia no Brasil, ainda são recentes. Provavelmente, iniciadas na segunda metade da década de 2000, mas sem adotar o termo “transmídia”. Em 2009, a abordagem sobre seu conceito, feita pelo analista de mídia Geoffrey Long (apud TAVARES, 2009) em um evento no Rio de Janeiro, promovido pelo Núcleo Avançado em Educação (Nave)¹, instigou a plateia brasileira. Este interesse gerou uma entrevista², na qual Long aborda o uso da NT na educação e na ficção.

No campo acadêmico, as abordagens começaram pelos produtos ficcionais. Nesse sentido, Biegging, Busarello e Ulbricht (2010) situam o cenário transmidiático como uma nova era da indústria cultural, que amplia o seu nicho de mercado por meio da convergência midiática. Isso ocorreria porque as indústrias “conseguem desta forma atrair novos e potenciais consumidores. Cada meio possui a sua parcela de público, que através das narrativas transmidiáticas poderá ser atingido de alguma forma” (BIEGING; BUSARELLO; ULBRICHT, 2010, p. 4).

Sobre a aplicabilidade da NT no jornalismo, Souza e Mielniczuk (2010, p. 1) dizem que “é possível verificar que, no ambiente digital, aspectos empregados em narrativas de produtos de entretenimento, num contexto chamado por Jenkins (2009a) de cultura da convergência, também aparecem como recursos da narrativa jornalística”.

Essa possibilidade é reforçada pelo diretor da Starlight Runner, Jeff Gomez (apud DÓRIA, 2010), que durante uma palestra na Rede Globo, em fevereiro de 2010, admitiu ser possível adotar o modelo da NT para o jornalismo. Segundo Dória (2010), que comenta ter participado desse evento virtualmente, ao questionar o palestrante, obteve a seguinte resposta:

Sim, recentemente fui consultado pela Turner e muito do que disse foi especialmente para a CNN, com o tema jornalismo. A essência é a habilidade de converter histórias, de um jeito que fará você esperar o comercial para ver o que acontece e até tomar ações [...]. Mas acho que a principal coisa que pode ajudar é permitir um diálogo mais estreito entre o espectador e o jornalista, e a empresa de comunicação. Quando há diálogo, é mais fácil fazer mudanças (GOMEZ, 2010 apud DÓRIA, 2010, online).

Já Pernisa Júnior (2010) investiga a possibilidade de um conceito de jornalismo que siga a mesma ideia de Jenkins (2009a) sobre a NT, advertindo para a necessidade de não confundi-lo com uma visão simplista do que seja a convergência de mídia. Pernisa Júnior (2010) trabalha com a proposta de “mônada aberta”, uma espécie de blocos de informações relativos a um tema geral que se ligariam por meio de links e poderiam ser utilizados “tanto na web como nesta perspectiva de um jornalismo transmidiático, onde diversos veículos participam da construção da reportagem” (PERNISA JR, 2010, p. 7), “gerando uma estrutura, uma textualidade composta” (PERNISA JR e ALVES, 2010, p. 71). Em portais noticiosos da internet, é possível identificar essa estrutura, mas como já disse o autor, deve-se evitar confundir os conceitos de transmídia e de convergência.

Martins (2011), por sua vez, faz uma diferenciação conceitual e empírica sobre as narrativas crossmidiáticas³ (cruzamento de mídias) e transmidiáticas, discutindo a aplicabilidade de ambas no webjornalismo. O autor justifica a necessidade de distinguir tais conceitos por serem ainda usados de forma confusa e até com equivalência ao conceito de convergência, de maneira imprecisa e abrangente.

Isso ocorre porque os significados são muito parecidos, mas detemo-nos aqui ao conceito de convergência adotado por Jenkins

(2009a), para quem a convergência dar-se-á em múltiplos canais de comunicação e a partir da interatividade de uns com os outros, estando bastante associada à maneira como a informação é recebida, processada e reelaborada pelo público. Nessa trajetória, a interação é fundamental porque o processo coletivo, explica o autor, passa a fazer parte do consumo, devendo-se assimilar a convergência a partir da relação interconectada que as pessoas passam a ter com as novas mídias – sendo a convergência, portanto, um processo cultural.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009a, p. 29).

Diante desse novo cenário, alargam-se as possibilidades de apropriação da narrativa transmídia pelo telejornalismo. E nesse campo, o processo de convergência vai além das linguagens, formatos e mídias: atinge as habilidades dos jornalistas (desenhando um novo perfil profissional), as suas rotinas produtivas e chega às audiências, que desfrutam do poder de escolher qual mídia assistir, quando e como assistir (se o todo ou só as partes).

Ao apresentar questionamentos e reflexões sobre como a NT poderia ser usada no jornalismo, Diniz (2011, p. 10) ressalta que, “apesar de serem poucas as produções brasileiras sobre esse assunto, os pesquisadores que estão lidando com o assunto concordam com a possibilidade de a narrativa transmídia ser utilizada no jornalismo”. A autora diz que além dos pesquisadores, os profissionais também concordam “sobre a viabilidade disso dadas as características do jornalismo atual, aberto à participação do público e convergente em conteúdo e em mídias” (DINIZ, 2011, p. 1).

Sobre as particularidades da NT no jornalismo, a pesquisa de Souza (2011) levanta reflexões sobre o uso de diferentes plataformas e formatos de conteúdos, além da participação ativa da audiência na elaboração de entrevistas e na recomendação de trechos da narrativa. Sua pesquisa representa um passo importante nos estudos sobre a temática, não apenas por ultrapassar a abordagem teórico-conceitual, mas por estabelecer um diálogo entre teoria e prática.

Agora, pretendemos dar nossa contribuição ao analisar, na TV Folha, a apropriação dos princípios da narrativa transmídia sistematizados por Jenkins (2009b) no universo ficcional e adotados por Souza (2011) em sua pesquisa a partir da compreensão desses

princípios por meio de determinados operadores de observação voltados para o jornalismo. Apesar das limitações impostas pelo formato de um artigo, acreditamos no valor dessa contribuição, uma vez que procuramos identificar e analisar os conceitos-chave da NT em um produto essencialmente convergente: a TV Folha, feita com pautas, editorias, equipes e equipamentos do impresso para a internet e para a TV aberta – um produto que aqui chamamos de “televisão de papel”.

Aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel

A TV Folha já existia no portal de notícias UOL e no site Folha.com e tinha sua página no Facebook (lançada em 03/08/2011) quando passou a ser exibida na TV Cultura de São Paulo, em 11 de março de 2012 (FOLHA DIGITAL, 2012a, 2012b; OBSERVATÓRIO DA RADIODIFUSÃO, 2012a). É um raro exemplo de ciberTV que chega à televisão aberta (e pública) no Brasil. O programa começa às 19:30h, ocupando meia hora da grade dominical da emissora, sendo transmitido em tempo real pelo UOL e Folha.com, ficando depois disponibilizado on demand⁴ (em fluxo contínuo na primeira semana e depois em módulos), assim como no site da TV Cultura. Por ser um produto de um veículo de comunicação privado exibido em uma emissora pública, a TV Folha sofreu reações, críticas e questionamentos da audiência. No entanto, foi elogiada e considerada uma alternativa qualificada de entretenimento, criando-se uma polêmica que provocou, inclusive, uma sessão pública na Assembleia Legislativa de São Paulo⁵.

Atribuímos parte dessa polêmica ao fato de que o conteúdo editorial é de responsabilidade exclusiva da Folha de S. Paulo (FSP), transformando a TV Cultura em mera exibidora. Além disso, essa “parceria público-privada” ocorre em um ano eleitoral, cujos interesses podem ser mais camuflados do que se imagina. Por conseguinte, foram levantadas controvérsias em fóruns, blogs e em sites, como o do Observatório da Imprensa, o do Fórum Nacional para a Democratização da Comunicação, entre outros.

Segundo o editor-executivo da FSP, Sérgio D’Ávila (2012 apud CARVALHO, 2012, online), “a Folha tem ampliado as plataformas em que atua – e, em algumas delas, já lidera, como na digital, nos tablets e nas redes sociais. Nesse contexto, chegar à TV era um próximo

passo natural”. Em entrevista ao *Jornal Propaganda e Marketing*, o superintendente do Grupo Folha, Antonio Mendes (2012 apud DORES, 2012) diz que o convite partiu da TV Cultura, que também teria convidado outros grupos para compor a sua grade, mas, até setembro de 2012, só a FSP havia colocado o seu programa no ar.

A Cultura nos convidou, convidou também a Abril e o Estado para uma parceria em que a gente poderia ocupar um determinado espaço no canal e faríamos uma troca de páginas pela minutagem na TV. Nós temos 30 minutos na Cultura. Em troca, damos o que seria equivalente a 30 minutos de papel, em anúncio no jornal (MENDES, 2012 apud DORES, 2012, online).

Composto por três blocos, o programa tem a redação da Folha de S. Paulo como cenário para apresentador e colunistas, como Clovis Rossi, Xico Sá, Bárbara Gancia, dentre outros que também escrevem no impresso. As reportagens são produzidas por profissionais das redações de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, além de correspondentes nacionais e internacionais. Quanto à captação de imagens, é feita por fotógrafos da FSP, que utilizam as mesmas câmeras fotográficas adotadas no impresso. O diretor da TV Folha, João Wainer (2012 apud KACHANI, 2012), destaca a versatilidade e as vantagens da câmera digital SLR, cuja resolução seria superior à das câmeras de filmagem, em geral, utilizadas nas emissoras de televisão. “Esse equipamento, que é mais compacto e mais barato, está revolucionando o mercado, tem sido utilizado no seriado *House* e foi usado em partes do filme *Cisne Negro*” (WAINER, 2012 apud KACHANI, 2012, online). Quanto ao trabalho dos repórteres, acrescenta ele, a ideia é criar um contraponto com o telejornalismo convencional, adotando-se pouca narração em off e uma nova linguagem.

No TV Folha, o repórter não aparece com o microfone na mão, descrevendo a notícia de forma didática. Ele pode aparecer na Redação do jornal, no estúdio da TV Folha ou em alguma tomada externa, sem maquiagem, e falar sem nem mesmo olhar para a câmera (WAINER, 2012 apud KACHANI, 2012, online).

Outro diferencial na linguagem adotada pela TV Folha é garantido pela edição, feita de forma dinâmica, intercalando imagens em movimento com imagens fotográficas, gráficos e artes, bem ao estilo da FSP. E a sonorização também é marcante. Esses elementos dão às reportagens do programa um tratamento estético que as aproxima de documentários. “O roteiro é mais livre. O uso de trilha sonora também. E as imagens são surpreendentes, mais próximas

do que se faz na internet do que na televisão” (WAINER 2012 apud KACHANI, 2012).

No seu endereço virtual (www.folha.com.br/tv), o programa permite interatividade com o público, o qual pode: acompanhá-lo pelas redes sociais, como Facebook e Twitter, recomendar, comentar e compartilhar os links das matérias e/ou enviá-los por email, aumentar ou reduzir o tamanho da fonte do texto, comunicar erros, copiar o link e imprimir o texto. Há, ainda, a seção de comentários, na qual é possível postar opiniões, elogiar, criticar e/ou compartilhar as matérias. E pode-se responder aos comentários (construindo um fórum de discussão), votar ou não em “curtir” e denunciar autores dos comentários – uma forma de combater, por exemplo, manifestações racistas, nazistas e atos de pedofilia na internet. Para qualquer ação na seção de comentários, é preciso cadastrar-se e possuir login e senha.

Assim, essa possibilidade de participação da audiência remete-nos aos conceitos chave da narrativa transmídia sistematizados por Jenkins (2009b) na conferência de abertura da convenção Future of Entertainment, realizada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em novembro de 2009: Espalhamento x Capacidade de Perfuração; Senso de Continuidade x Multiplicidade; Imersão x Capacidade de Extração; Construção do Universo; Serialidade; Subjetividade e Performance. Para Souza (2011), tais conceitos são considerados, ao mesmo tempo, proposições teóricas e evidências de como as diferentes franquias transmídias contam histórias com o uso de distintas plataformas e com a participação ativa do público em diversas etapas do processo, como criação, circulação, busca e compartilhamento de informações. Portanto, “os princípios da NT simbolizam um triplo amadurecimento: das ideias de Jenkins [...], dos produtores e das corporações que desenvolvem experiências transmídia e do público familiarizado com essa forma de contar histórias” (SOUZA, 2011, p. 75).

Segundo Jenkins (2009b), o espalhamento refere-se à capacidade do público de participar ativamente da circulação de conteúdo de mídia por meio de redes sociais e no processo de expandir o seu valor econômico e cultural. Analisando esse princípio no campo jornalístico, Souza (2011) diz que o espalhamento vai além da atuação da audiência na circulação midiática.

A audiência pode ampliar o acesso a um determinado conteúdo jornalístico quando são utilizados os pós-filtros – ferramentas

e aplicativos que promovem uma nova seleção do material e, portanto, uma nova mediação cultural. Entretanto, o fenômeno é mais amplo do que isso. O espalhamento está ligado com a transmídiação e pode ocorrer quando há recomendação a partir de outras plataformas, como o Facebook e o Twitter. Em resumo, o espalhamento no jornalismo compreende o uso de ferramentas de recomendação, valoração, compartilhamento e comentários dentro dos sites jornalísticos e a utilização das redes sociais com finalidade semelhante (SOUZA, 2011, p. 149).

A TV Folha utiliza pelo menos duas ferramentas para recomendar, no caso o Facebook e o g+1, e nove ferramentas para compartilhar: Twitter, Facebook, Orkut, RSS, Windows Live, MySpace, Google, Delicious e Digg. Ao clicar nas logomarcas dessas redes sociais, o público é redirecionado para o link da reportagem a que está assistindo e pode compartilhá-lo nas suas plataformas preferidas. No mesmo espaço, também pode acompanhar a “Folha Multimídia” (nome dado ao Folha.com, site da Folha de S. Paulo hospedado no portal UOL) através do Twitter e inclusive tornar-se um seguidor, como também visitar a “Folha de São Paulo” no Facebook e tornar-se um fã a partir da opção “curtir”. No Facebook da FSP, o público ainda pode votar, separadamente, nos cadernos do jornal, participar de promoções e concursos e acessar notícias. Ou seja, quem assistir à TV Folha no site desta, tem acesso a outras plataformas e muito rapidamente pode espalhar as reportagens por meio da recomendação e compartilhamento.

Quanto à capacidade de perfuração, diz respeito ao engajamento do público com a complexidade narrativa e está associada ao conceito de espalhamento. Porém, ressalta Jenkins (2009b), ambos os princípios podem ser construídos em uma mesma franquia transmídia, no entanto representam diferentes dimensões da experiência. Ele explica que pode haver casos em que uma franquia caracteriza-se pelo espalhamento e não oferece qualquer profundidade real para perfuração, como também pode oferecer profundidade sem incentivar o espalhamento pelas redes sociais.

Sobre a capacidade de perfuração, Jenkins (2009b) cita Jason Mittell para explicar que os programas perfuráveis encorajam os espectadores a cavar mais fundo para entender a narrativa e criam uma espécie de ímãs de engajamento, atraindo espectadores para o mundo das histórias e instando-os a aprofundar as informações. No jornalismo, segundo Souza (2011), esse princípio pode estar relacionado ao aprofundamento e à contextualização da notícia.

Quanto mais detalhes uma história tem, mais “perfurável” ela é.

No jornalismo, a capacidade de perfuração pode ser associada ao aprofundamento e à contextualização. O aprofundamento constitui o acréscimo de informações, detalhes e versões. Já a ampliação do contexto compreende o relacionamento, por exemplo, com outras notícias. No ambiente digital, a memória assume ambas as funções: contribuir para o aprofundamento e para a contextualização. Com isso, os estudos concluem que a memória é uma das formas de propiciar a capacidade de perfuração (SOUZA, 2011, p. 80).

No caso das edições da TV Folha analisadas, observa-se que a capacidade de perfuração pode ser associada à contextualização da notícia e ao aprofundamento das informações. Um exemplo disso é a reportagem de Fabiano Maisonnave (2012) “Um ano depois de tsunami, recomeço é ainda incerto”, exibida na estreia do programa, na qual várias fontes dão depoimentos sobre a tragédia, dentre elas, moradores de Sendai, vítimas e o próprio repórter. Nessa perspectiva, a riqueza de detalhes fornecida pelas fontes e o fato de o texto deixar diversas perguntas no ar abrem espaço para a audiência buscar soluções, favorecendo a capacidade de perfuração. E o fato de ser o texto feito pelo mesmo profissional que escreve uma versão para cada mídia (TV, impresso e internet), remete-nos a sua natureza transmidiática – a qual, porém, não fica muito clara pela escassez de recursos que reportem a audiência às outras plataformas para acessar mais informações.

Por mais que a página virtual da TV Folha disponibilize os links “temas do dia”, “últimas notícias”, “as últimas que você não leu”, “+ ouvidas/vistas” e “+ enviadas”, não há incentivo para o público aprofundar as informações, nem mesmo em fontes internas, como o acervo do próprio Grupo Folha. Ao contrário: os links disponibilizados na página da TV Folha referem-se a diversos assuntos, que tanto podem ter sido noticiados pela Folha de S. Paulo, Folha Digital, UOL quanto pela própria TV Folha, mas não se apresentam como links complementares da notícia em questão. Ou seja, não há estímulo para o que chamaríamos de perfuração “interna” e tampouco para a “externa”, uma vez que na página da TV Folha o que se vê enquanto material externo ao grupo Folha são apenas os banners publicitários.

Portanto, apesar de o acervo da FSP disponibilizar edições publicadas desde 1994, o aprofundamento e a contextualização das notícias da TV Folha ficam sujeitos ao interesse do público que, por sua vez, precisa fazer suas próprias buscas já que não há links para notícias relacionadas ou anteriores; curiosamente, não há links nem para o texto do impresso da pauta feita também pela TV. Ou seja, apesar de sua natureza convergente, a TV Folha não se apropria

da capacidade de perfuração da NT – por mais que esteja ou não vinculado ao espalhamento.

Com isso, a TV Folha deixa de explorar outro aspecto da narrativa transmídia, o senso de continuidade x multiplicidade. No universo ficcional, este conceito compreende a coerência e a plausibilidade da história e pode levar à lógica da multiplicidade, desse modo, um filme do Homem-Aranha pode ser compreendido como continuidade do universo Marvel ou também da franquia Homem-Aranha (JENKINS, 2009b). No jornalismo, segundo Souza (2011), esse conceito pode ser associado a pelo menos duas formas: o encadeamento entre as informações em um texto e o relacionamento entre notícias sobre um mesmo tema.

No primeiro caso, a continuidade depende a (sic) estrutura do texto e do segundo de elementos que ligam os textos. Na narrativa hipertextual, esta conexão pode ser feita por meio dos links. Diante de uma perspectiva transmídia é preciso considerar uma terceira possibilidade: a conexão de textos existentes em plataformas distintas. Com isso, o elo entre os fragmentos da história se dá pela transmídiação e o resultado é compreensão adicional da narrativa (SOUZA, 2011, p. 150).

Por um lado, é interessante observar que, por mais que a notícia veiculada na TV Folha tenha origem no jornal impresso, cuja pauta e direcionamento são os mesmos, nem sempre possui links em sua versão online interligando as diferentes mídias. Por outro lado, ambos os veículos poderiam se complementar na narrativa, visto que suas reportagens resultam da mesma pauta e enfoque, mas apresentam personagens e textos diferentes. Apesar do contexto favorável à continuidade, a TV Folha não explora esse recurso nem internamente.

Assim, mesmo se considerarmos que a continuidade poderia ocorrer a partir dos links “+ ouvidas/vistas” e/ou “+ enviadas”, disponíveis na lateral direita da página da TV Folha na internet, dar-se-ia de forma incompleta, pois conduz o público ao texto da própria TV Folha e não da FSP. Portanto, não há conexão entre as narrativas da TV e do impresso – o que seria necessário, a nosso ver, para que haja uma continuidade transmídia propriamente dita – por mais que as equipes da FSP estejam produzindo conteúdo transmidiático, voltado para o impresso, TV e internet, com textos e personagens diferentes para cada meio ou, em caso de repetir personagens, com trechos distintos de seus depoimentos.

No jornalismo, segundo Souza (2011), a multiplicidade relaciona-se com as histórias secundárias ou versões apresentadas

pelos jornalistas e com as versões alternativas atribuídas ao público. Porém, esse recurso também é pouco explorado pela TV Folha. A matéria “Cresce adesão dos pais ao ensino domiciliar no país”, da repórter Cláudia Colluci, por exemplo, publicada no caderno Cotidiano e com chamada na capa da FSP do dia 10/06/2012, possui um pequeno quadro em meio ao texto com a logomarca da TV Folha e a informação sobre os horários do programa com a seguinte recomendação: “Assista também na folha.com e no UOL”. Essa estratégia pode até ser compreendida como uma referência à versão televisiva daquela reportagem, mas seria suficiente para indicar a multiplicidade de versões?

Em relação ao espaço, poderia ser usado também para garantir a aplicação dos princípios do espalhamento, da capacidade de perfuração e do senso de continuidade, mas nos remete muito mais a um anúncio da TV Folha do que a um convite para que o público assista àquela mesma matéria na televisão. E a multiplicidade está relacionada à recontagem da história, distinguindo-se entre empresa e público, como bem explica Souza:

No caso das corporações jornalísticas, a multiplicidade por ser relacionada com a exploração da história de uma personagem apresentada em uma reportagem ganha importância. Há, neste caso, a revelação de um universo paralelo. Em relação à audiência, a multiplicidade está associada com as recontagens da história seja por meio de versões distintas das abordadas pela mídia mainstream, como as matérias que denunciam incoerências, e as mídias independentes, ou até mesmo as paródias de telejornais (SOUZA, 2011, p. 151).

Em sua análise, Souza (2011) acrescenta que o princípio do senso de continuidade x multiplicidade está relacionado com o que Jenkins (2009b) chama de experiência unificada. Desse modo, a aplicação desse princípio faz com que o público tenha a noção de que todos os produtos midiáticos de uma NT integram uma única história – o que não fica muito claro no caso da FSP e TV Folha.

No que diz respeito ao conceito de imersão x capacidade de extração, Jenkins (2009b) explica que ambos os conceitos referem-se à relação percebida entre a ficção transmídia e nossas experiências cotidianas. Enquanto a imersão seria a capacidade de o consumidor entrar no mundo da história, a extração seria a de levar aspectos da história como recursos para espaços de sua vida cotidiana – a exemplo dos palácios de cinema, que surgiram nos Estados Unidos na década de 1920, considerados instrumentos de imersão por oferecer ambientes fantásticos para assistir a filmes nos quais eles próprios serviram de cenário; e dos parques de diversões mais

contemporâneos, como o parque temático que visa reconstruir o mundo de Harry Potter; ou o Dubai, parque temático baseado em super-heróis da Marvel (JENKINS, 2009b). Para Hayao Miyazaki (apud JENKINS, 2009b) a imersão seria a força motriz por trás da criação do cinema e tem alimentado o desenvolvimento de muitos meios de comunicação subsequentes.

Na narrativa transmídia, a imersão considera os graus mais elevados de relação do público com o conteúdo. Com base na já citada conferência de Jenkins, Souza (2011) diz que o uso de imagens que revelem ou simulem a terceira dimensão ou o uso de formatos narrativos que permitam a representação do leitor no espaço da narrativa seriam formas de aplicar a imersão ao jornalismo. Como parâmetro, Souza (2011) adota os seguintes requisitos em sua pesquisa: material dinâmico (com movimento), manipulável (que pode ser movimentado pelo público) e/ou com recursos de zoom (aproximação/distanciamento). No caso da TV Folha, a natureza dinâmica do vídeo em si já garante o primeiro requisito e a sua exibição, na internet, pode ocupar a tela de forma parcial ou total, garantindo os recursos de zoom no programa como um todo, mas não em uma determinada imagem. A manipulação, nesse caso, pode ser melhor associada ao tamanho da fonte dos textos, que varia em dois tamanhos, conforme a preferência do internauta.

Tanto no texto feito para a TV Folha quanto para a FSP, também é possível identificar outro conceito-chave da NT, o da Construção de mundo ou de universo. Segundo Jenkins (2009b), esse conceito parece intimamente ligado aos princípios de imersão e da capacidade extração, visto que ambos representam formas para o consumidor envolver-se mais diretamente com os mundos representados nas narrativas, tratando-os como espaços reais que se cruzam de alguma forma com as nossas próprias realidades vividas.

Na ficção, esse conceito está ligado ao lançamento de um mundo que pode suportar múltiplos personagens, histórias e mídias – constroem-se mundos comunicantes que ligam histórias espalhadas em publicações. No jornalismo, segundo Souza (2011), a apresentação do mundo da história em uma notícia depende daquilo que a narrativa traz e também do grau de atenção e da bagagem cultural do leitor. Portanto, a construção do universo dependeria da contextualização.

Essa questão fica bastante nítida na já citada matéria de Claudia Colluci (2012), que contextualizou o assunto citando o Código

Penal, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, além de entrevistar pessoas contra e a favor do ensino domiciliar – não apenas pais, mas profissionais da educação e um legislador. Portanto, identificamos que a construção do universo dessa história ocorre de forma contextualizada, com informações sobre a legislação e argumentos de cada personagem.

Outro conceito-chave da NT facilmente identificado na TV Folha é o de serialidade. Para Jenkins (2009b), a série cria partes da história, dispersando-a em parcelas múltiplas que podem ser consumidas em qualquer ordem – devido à natureza não linear da experiência de entretenimento transmídia. Logo, acredita o autor, pode-se pensar em narrativa transmídia como uma versão hiperbólica da série, na qual os pedaços de informação da história significativa e envolvente foram dispersos – não simplesmente por meio de vários segmentos dentro do mesmo meio, mas sim em vários sistemas de mídia.

Diante da perspectiva transmídia, Souza (2011) acredita que a serialidade possa ir além da conexão entre trechos de um programa ou conteúdos de um tema veiculado em dias diferentes em uma mesma plataforma, conectando, assim, trechos da história em diversas plataformas. No caso do jornalismo, acrescenta o autor, utilizam-se formas distintas de serialidade para contar histórias por meio de conteúdos especiais ou ao resgatar um assunto de repercussão que continua tendo desdobramentos.

Como a TV Folha tem suas histórias contadas também no impresso, pode ser caracterizada pela serialidade sob a ótica transmídia. Porém, cabe aqui uma advertência: ter cuidado para não confundir serialidade com senso de continuidade, uma vez que ambos fazem a conexão entre trechos da história. Por isso, esclarece Souza (2011), enquanto a continuidade refere-se ao prosseguimento da matéria em outra plataforma, a serialidade é a relação entre a parte e o todo, podendo ser associada a padrões de repetição ou de recuperação com o intuito de relacionar trechos de uma história. Assim, não se trata apenas de produzir matérias em episódios, mas de resgatar um assunto que tenha alcançado certa repercussão e apresente desdobramentos – como a suíte jornalística, a qual faz uma breve contextualização de um assunto sem resgatar toda a história.

Na TV Folha, pode-se dizer que a serialidade está presente também nas temáticas pautadas, mesmo que o caso abordado seja diferente. Por exemplo, a questão das drogas e o descaso com

o dinheiro público são temas recorrentes, assim como a falta de segurança, o medo da violência em São Paulo e as pautas culturais.

Já o princípio da subjetividade, refere-se às diferentes formas de narrar histórias, podendo possibilitar experiências distintas. Para Jenkins (2009b), o foco em múltiplas subjetividades está dando origem ao uso do Twitter como uma plataforma por meio da qual os fãs ou autores podem elaborar histórias sobre os personagens secundários e suas respostas a eventos representados no texto principal. Sobre esse conceito voltado ao jornalismo, Souza (2011) ressalta que são avaliados, primeiramente, os formatos de conteúdos que não se limitem a copiar ou a adaptar modelos existentes na mídia impressa e audiovisual e a existência de formas de narrar distintas ou a apresentação de diferentes perspectivas à narrativa.

Em relação à perspectiva das histórias no jornalismo, pode-se relacionar com alterações no âmbito do modo de narração (RYAN, 2009), como o uso da primeira pessoa. Já a mudança do formato contribui para ampliar o entendimento da narrativa. Neste sentido, recorre-se a Salaverría (2009), autor que diz que o jornalismo nas mídias digitais precisa explorar novos formatos e não reproduzir formatos provenientes de outras plataformas. Com isso, pretende-se identificar formas de narrar e formatos narrativos que enriqueçam os modos de contar histórias (SOUZA, 2011, p. 154).

Se hoje, no telejornalismo, percebe-se certa tendência à informalidade, na TV Folha isso é bastante evidente, já que repórteres e colunistas expressam claramente suas opiniões e visões de mundo de forma bastante coloquial e imprimem um teor mais pessoal à matéria jornalística, cujo formato altera-se conforme o meio. Ao descartar a tradicional passagem de vídeo e gravar um depoimento no mesmo padrão estético que suas fontes, contando o que viu e o que sentiu ao fazer a reportagem, o repórter remete-nos ao estilo *making off* adotado em documentários e séries; uma forma de narrar que enriquece a história e incentiva a participação do público pela informalidade discursiva e humanização do repórter.

Aliás, o incentivo à participação do público também descortina outro princípio da NT: a performance, a qual, segundo Jenkins (2009a), motiva a audiência (atratores culturais) para um determinado fim (ativadores culturais). O autor adota o conceito de atratores culturais formulado por Pierre Lévy (apud JENKINS, 2009a) para se referir aos modos como fãs e críticos aglutinam-se em torno de textos considerados uma oportunidade valiosa para a construção de significados e de avaliações e formula o seu próprio conceito

de ativadores culturais para referir-se aos textos que funcionam como catalisadores, desencadeando um processo de construção compartilhada de significados.

Jenkins (2009b) explica que os atratores culturais reúnem uma comunidade de pessoas que compartilham interesses comuns e os ativadores dão algo para a comunidade produzir, induzindo a audiência a fazer suas próprias contribuições. Por isso, acrescenta ele, cada vez mais os produtores estão sendo convidados a pensar sobre o que os fãs vão fazer com sua série e a projetar espaços para a sua participação ativa.

Dentre os quesitos de observação desses dois conceitos, Souza (2011) adota as seções destinadas à participação da audiência e as formas usadas pelos produtos jornalísticos para interpelar a audiência a participar dessas seções. Na TV Folha, seguindo essa linha de observação, podemos considerar como atratores culturais da performance as ferramentas para recomendar, compartilhar, curtir e enviar material por email. Já a participação do público na seção de comentários, o qual opina, critica e elogia, pode ser vista como um ativador cultural para verificar pelo menos o interesse da audiência sobre determinado assunto. Na TV Folha, como já se disse, alguns temas são recorrentes e isso pode ser considerado um indicador da performance, cuja importância é fundamental para se verificar a produção de conteúdos a partir das atividades da audiência.

Considerações finais

No decorrer da análise, identificamos a presença dos conceitos básicos da narrativa transmídia na TV Folha, porém, alguns ainda são pouco explorados. Ao reunir, ao mesmo tempo, componentes do impresso, da internet e do audiovisual, a TV Folha transita com facilidade entre plataformas distintas e reforça o seu potencial transmidiático. Porém, conforme dito antes, não o aproveita em sua totalidade.

No dia 10/06/2012, por exemplo, a matéria “Cresce adesão dos pais ao ensino domiciliar no país” apresenta muito mais personagens, detalhes e informações no impresso do que na reportagem televisiva e, com isso, desdobrou-se em dois textos na FSP, sendo o segundo “Na cidade recordista de casos, ‘valores morais’ é a explicação”. Quanto às fontes dos textos do impresso, misturaram-se no texto televisivo, embora os depoimentos não tenham se repetido. Já os trechos das falas são recortados das entrevistas e recontextualizados em cada

texto. Nesse caso, é um exemplo que se encaixa perfeitamente no conceito defendido por Vizeu (2005), e por outros pesquisadores, de que a notícia é uma representação fragmentada da realidade. Desse modo, adotar trechos de depoimentos distintos sugere a natureza transmidiática do produto.

O artigo do colunista Clóvis Rossi, de 08/04/2012, também reflete essa qualidade: intitulado “Clóvis Rossi analisa ida de Dilma aos EUA”, na página da internet da TV Folha, e “Nem abanar o rabo nem latir” na Folha de S. Paulo, o texto aborda a boa relação entre Brasil e Estados Unidos, porém muda completamente de uma mídia para outra. Enquanto no impresso Rossi faz uma contextualização histórica para concluir que a relação, hoje, chegou a um amadurecimento; na TV Folha, ele aponta o que poderia atrapalhar essa relação, afirmando que somente pautas relacionadas ao Irã e à presidência do Banco Mundial causariam algum mal estar entre os dois governantes. Com 1’59” de duração, o texto televisivo foi introduzido por um miniclipe com trilha dinâmica e imagens curtas do colunista preparando-se para gravar, ao estilo making off; quando ele começa a falar, seu texto é todo entremeado com fotografias, um formato que lembra a participação de comentaristas de telejornais.

Essa construção leva-nos a refletir sobre os impactos dos processos de hibridização no jornalismo audiovisual, visto que o paradigma da convergência prevê a interação entre novas e antigas mídias e favorece a transmidialidade, exigindo mais habilidade, criatividade e conhecimento dos profissionais de jornalismo. Nesse sentido, a NT permite que os jornalistas decidam como usar cada mídia, considerando o que há de melhor em cada uma.

Em relação ao caráter multifacetado da “era digital”, permite modernizar as formas de narrar uma história, proporcionando um fluxo de trabalho muito mais dinâmico e multimidiático através da convergência de diferentes meios. Na TV Folha, por exemplo, adota-se o uso de músicas que façam alguma referência ao assunto abordado ou mesmo de uma trilha mais forte para dar dinamismo à edição; outro recurso utilizado é a variedade de efeitos visuais. Na já citada reportagem sobre o tsunami no Japão, a edição usou o efeito fast para indicar a passagem de tempo e fez o uso simultâneo de fotografias de um mesmo local hoje e há um ano, quando ocorreu a catástrofe. Nesse caso, havia imagens fixas e em movimento que se cruzavam, adotando o estilo documental.

Com isso, a TV Folha mostra que a convergência midiática

afeta profundamente a linguagem, a narrativa e a estética do jornalismo audiovisual, altera o perfil profissional e a rotina dos processos produtivos. Inevitavelmente, essas transformações afetam a ética na profissão, provocando novas reflexões e discussões e atingem ainda a relação com a audiência, agora mais participativa.

Sob essa ótica, a narrativa transmídia fornece à audiência um alto grau de envolvimento, que pode assumir um papel ativo no processo, deixando, por conseguinte, a recepção passiva – tudo vai depender das estratégias de cada produto e/ou mídia para explorar essa nova realidade.

Assim, apesar de sua proposta moderna de produção de conteúdo e de sua importância na construção de um novo paradigma, a TV Folha ainda não aproveita o seu potencial convergente e as possibilidades transmidiáticas que, por sua vez, representam uma verdadeira transformação cultural à medida que a audiência é incentivada a fazer conexões em meio a conteúdos jornalísticos dispersos, revolucionando a forma da sociedade de comunicar-se, informar-se e agir.

NOTAS

1. Nave é um projeto da Oi Futuro voltado para a pesquisa e o desenvolvimento de soluções educativas com o uso das tecnologias da informação e da comunicação, que foi incluído no Programa “Escolas Inovadoras da Microsoft”, compondo a lista das 30 melhores escolas do mundo nessa área.
2. Feita por Marcus Tavares, essa entrevista explica que Transmedia Storytelling também é o nome de uma disciplina do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e que seu objetivo é “capacitar criadores/contadores de histórias, nos mais diferentes formatos de mídia, a desenvolverem estratégias e conteúdos que envolvam o público de maneira única: conciliando o que as plataformas de comunicação têm de melhor, porém jamais esquecendo o poder de uma boa história”. Foi publicada na revista Pontocom e no Observatório da Imprensa.
3. Alysso Martins cita Luiza Lusvarghi para informar que o conceito de crossmídia surgiu na área da publicidade e do marketing devido à “possibilidade de uma mesma campanha, empresa ou produto utilizar simultaneamente diferentes tipos de mídia: impressa, TV, rádio e internet” (LUSVARGHI apud MARTINS, 2011, p. 20) e faz a indicação de outro meio ao público, ao convocar o telespectador, por exemplo, a acessar o site para obter mais informações.
4. Ao classificar e diferenciar modelos adotados pelo telejornalismo virtual, Neusa Amaral (2007, p. 8) diz que no modelo transpositivo

on demand os produtos “são colocados em menus on demand, e o internauta o acessa de acordo com seu próprio tempo e interesse. Podendo acessá-lo quantas vezes quiser e nos momentos que bem entender”.

- 5 Nosso objetivo não é entrar no mérito dessa discussão, mas a consideramos importante. Para os interessados, recomendamos os textos: “TV Cultura em debate na Assembleia Legislativa de SP” (Observatório da Radiodifusão), “TV Folha: Uma unanimidade” (Sul 21) e “TV Cultura e TV Folha: a destruição do caráter público de uma emissora” (Bia Barbosa), com detalhes nas referências.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Neusa Maria. Televisão e Telejornalismo: modelos virtuais. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Resumos... n. 30. Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2233-1.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2012.

BARBOSA, Bia. TV Cultura e TV Folha: a destruição do caráter público de uma emissora. **Observatório do Direito à Comunicação**. 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/falatorio/bia-barbosa-tv-cultura-e-tv-folha.html>>. Acesso: 19 jun. 2012.

BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul; ULBRICHT, Vania. Reflexões sobre subjetividades do produto cultural Hannah Montana. In: **Congresso Panamericano de Comunicação**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/panam/pdf/GT2_Art4_Patr.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2012.

CARVALHO, Nathália. “TV Folha” estreia na Cultura com destaque para colunistas e “links” com matérias do impresso. **Portal Comunique-se**. São Paulo, 12 mar. 2012. Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68187:tv-folha-estrela-na-cultura-com-destaque-para-colunistas-e-links-com-materias-do-impresso&catid=28:carreira&Itemid=20>. Acesso em: 08 abr. 2012.

COLLUCI, Cláudia. Cresce adesão dos pais ao ensino domiciliar no país. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: Cotidiano, C8, 10 jun. 2012.

DINIZ, Talita Rampazzo. (In) conclusões sobre a narrativa transmídia no jornalismo: sobre o que pode ser e o que se deseja. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. 13. Resumos... Maceió, 2011. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0833-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

DORES, Kelly. TV Folha mira diferenciação e público jovem. **Jornal Propaganda e Marketing**, São Paulo, 26 mar. 2012. Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/midia/39912:tv-folha-mira-diferenciacao-e-publico-jovem>>. Acesso em: 13 mai. 2012.

DÓRIA, Tiago. **Transmídia pode ser aplicada ao jornalismo**. Tiago Dória Weblog: doses diárias de cultura digital, tecnologia e mídia. 2010. Disponível em: <<http://www.tiagodoria.ig.com.br/2010/02/05/transmidia-pode-ser-aplicada-ao-jornalismo>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

ESTREIA do "TV Folha" eleva a audiência da TV Cultura. **Folha Digital**. São Paulo, 12 mar. 2012a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/1060589-estrela-do-tv-folha-eleva-a-audiencia-da-tv-cultura.shtml>>. Acesso em: 08 abr. 2012.

FOLHA estreia programa na TV em março; veja vídeo. **Folha Digital**. São Paulo, 29 fev. 2012b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/1055001-folha-estrela-programa-na-tv-em-marco-veja-video.shtml>>. Acesso em: 13 mai. 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009a.

_____. Revenge of the Oragami Unicorn: Seven Core Concepts of Transmedia Storytelling. **Confessions of an Aca**, 2009b. Disponível em: http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html. Acesso em: 29 ago. 2012.

JORNALISMO é aposta de reforço da Tv pública. **Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina**, 14 mar. 2012a. Disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php?option=com_content&view=article&id=847:jornalismo-e-aposta-de-reforco-da-tv-publica&catid=50:destaques&Itemid=366>. Acesso em 18 jun. 2012.

KACHANI, Morris. Folha na TV. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: Ilustrada, E1, 11 mar. 2012.

MAISONNAVE, Fabiano. Um ano depois de tsunami, recomeço ainda é incerto. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: Mundo, A20, 11 mar. 2012.

MARSHAL, Mclhuan. **Os meios de comunicação com extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1974.

MARTINS, Allysson Viana. Experiência das Narrativas Cross e Transmídiaicas no Webjornalismo. **LOGOS Comunicação e Sociedade - Estatuto da Cibercultura no Brasil**. Rio de Janeiro, v. 34, ano 18, n.1, 1º sem 2011. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/34/02_logos34_martins_experiencias_narrativas.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2012.

PERNISA JR, Carlos. Jornalismo Transmídiaico ou Multimídia? In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 33. Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1472-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

PERNISA JR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação Digital - jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

ROSSI, CLÓVIS. Nem abanar o rabo nem latir. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: Mundo, A20, 08 abr. 2012.

SOUZA, Maurício Dias; MIELNICZUK, Luciana. Aspectos da narrativa transmiática no jornalismo da revista Época. **Revista Comunicação e Inovação**. São Caetano do Sul, v. 11, n. 20, 2010. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/947> Acesso em: 29 jun. 2012.

SOUZA, Maurício Dias. **Jornalismo e Cultura da Convergência: a narrativa transmiática na cobertura do caso cablegate nos sites El País e Guardian**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

TAVARES, Marcus. Transmiática: a narrativa da atualidade. **Pontocom** – a revista da mídiamediação. 07 set. 2009. Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-entrevistas/transmiatica-narrativa-da-atualidade>> e <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/transmiatica_a_narrativa_da_atualidade>. Acessos em: 19 jun. 2012.

TV Cultura em debate na Assembleia Legislativa de SP. **Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina**, 8 jun. 2012b. Disponível em: <http://www.observatorioradiodifusao.net.br/index.php?option=com_content&view=article&id=952:tv-cultura-em-debate-na-assembleia-legislativa-de-sp&catid=50:destaques&Itemid=366>. Acesso em 20 set. 2012.

TV FOLHA: Uma unanimidade. **Sul 21**, Porto Alegre, 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://sul21.com.br/jornal/2012/05/tv-folha-uma-unanimidade>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**, 4a ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

Elaide Martins é doutora em Ciências pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestre em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e foi professora nos cursos de Jornalismo na UFC e na UFPA. É docente-orientadora na Universidade do Parlamento Cearense (Unipace). E-mail: elaidemartins@gmail.com

RECEBIDO EM: 30/09/2012 | ACEITO EM: 31/10/2012